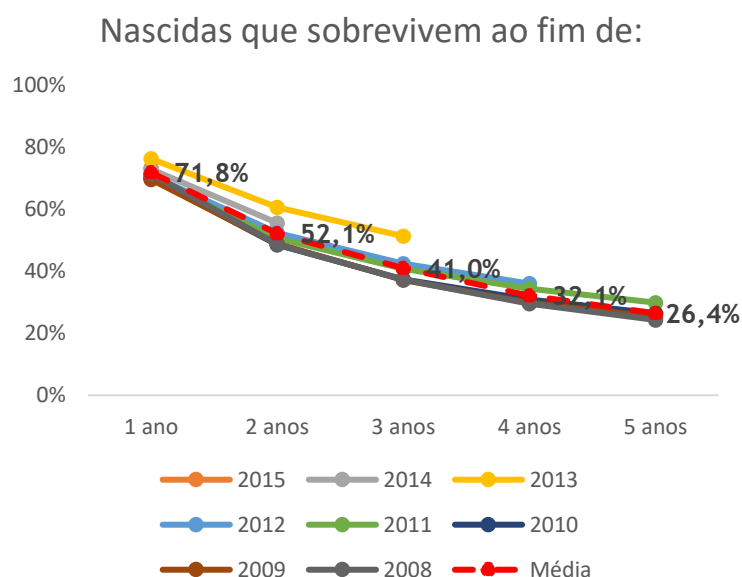


A taxa de Sobrevivência ou de Mortalidade das Empresas Familiares vs a das Empresas Portuguesas

No âmbito do estudo das empresas familiares é muito comum citar-se um estudo¹ que identificou uma taxa de mortalidade de 80%, num período 60 anos entre 1924 e 1984, das empresas familiares industriais de Illinois.

Posteriormente, muitas outras referências surgem (até mesmo na forma de ditados populares de muitos países), que se focam na enorme dificuldade que as empresas familiares enfrentam na passagem geracional, apresentando números que refletem taxas de mortalidade muita significativas: 70% na 2ª geração, 85% a 90% na 3ª geração e 96% na 4ª geração.

Para melhor se contextualizar estes números, que o estudo Roadmap das Empresas



Familiares do Norte de Portugal, em desenvolvimento pela Universidade do Minho, apresentará em setembro relativamente às empresas desta área geográfica, é muito oportuno analisar-se os dados recentemente disponibilizados pelo Instituto Nacional de

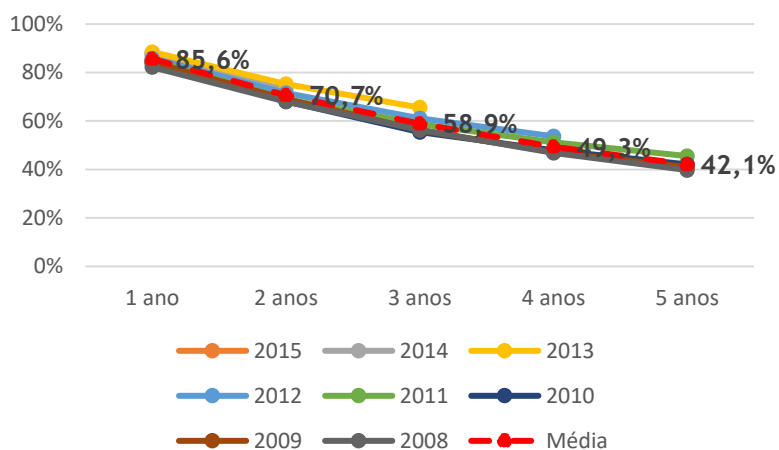
¹ Life expectancy of 200 successful manufacturers, 1924-1984, Ward, J., (1987): Keeping the Family Business Healthy. San Francisco: Jossey-Bass Inc., Publishers, pág. 2

Estatística. O INE apresenta um conjunto de indicadores estatísticos caracterizadores da estrutura e evolução do setor empresarial português, entre os anos 2008 e 2016² e com dados muito fiáveis obtidos a partir do Sistema de Contas Integradas das Empresas (SCIE), que, relativamente a todas as empresas constituídas entre os anos 2008 e 2016, permitem apresentar as seguintes taxas médias de mortalidade (Indicadores demográficos das Empresas Não Financeiras, 2008-2016):

- Ao fim do 1º ano: 28,2%
- Ao fim do 2º ano: 47,9%
- Ao fim do 3º ano: 59,0%
- Ao fim do 4º ano: 67,9%
- Ao fim do 5º ano: 73,6%

Se se restringir esta análise às empresas nascidas no mesmo período, mas que possuíam pelo menos um trabalhador remunerado, os dados são significativamente mais animadores, dado que as taxas de mortalidade descem para 14,5%; 29,3%; 41,1%; 50,7% e 47,9%, respetivamente para os mesmos anos.

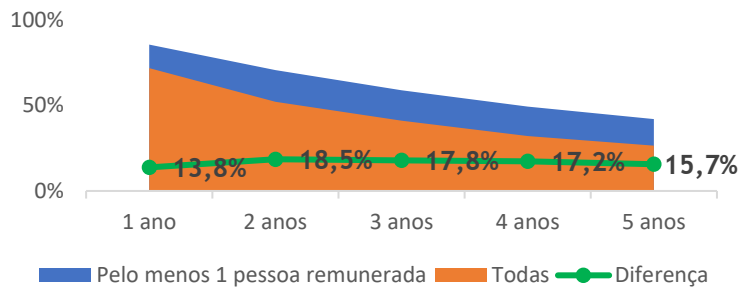
Nascidas, com pelo menos 1 pessoa remunerada, que sobrevivem ao fim de:



² Empresas em Portugal 2016, Instituto Nacional de Estatística, 2018

Estes números permitem constatar que atividades suportadas em novas empresas que na sua génese empregam pessoas apresentam uma maior sustentabilidade futura, em detrimento daquelas que nascem sem empregados (normalmente associados a negócios

Todas as Empresas vs Empresas que possuem uma pessoa remunerada



de maior risco ou a outros fatores que merecem ser estudados). A diferença média na ordem dos 17 pontos percentuais mantém-se praticamente constante ao longo dos vários anos analisados (empresas que

sobreviveram nos primeiros 5 anos de vida).

Em síntese, se os dados indicam que ao fim de 5 anos, após a sua nascença, somente 26,4% das empresas portuguesas sobrevivem, 30% das empresas familiares chegarem à 2ª geração - normalmente 50 anos, ou seja 10 vezes mais de tempo – é um número deveras expressivo e que reflete uma grande capacidade de sobrevivência por parte das sociedades controladas por famílias empresárias.